

O TÍTULO “FILHO DE DEUS” E OS DOIS NÍVEIS DO QUARTO EVANGELHO

Ramiro Mincato*

Resumo

A partir do processo de composição do Quarto Evangelho, podem distinguir-se dois níveis de compreensão: um nível histórico, situado no tempo de Jesus de Nazaré e seus contemporâneos, que conserva sua importância fundamental por caracterizar o acontecimento fundador, o qual, sem dúvida, é capital, que demonstra também ser Jesus inseparável de Israel, e um segundo nível, dirigido aos leitores do Evangelho, situados depois da Páscoa, que nos revela o mistério do Filho, e por meio dele, o mistério de amor pelos homens, tal como o Filho o revelou. É nessa perspectiva que podemos compreender o título “Filho de Deus” com dois níveis de significado dentro do mesmo Evangelho: um significado “messiânico”, próprio da baixa cristologia, e um significado “divino”, próprio da alta cristologia joanina.

Palavras-chave: Quarto Evangelho, Cristologia, Messianismo, Composição do Evangelho.

Abstract

Studying the composition of the Fourth Gospel it is possible to characterize two levels of comprehension: a historical one situated in the time of Jesus of Nazareth and his contemporaries, that conserves its fundamental importance characterizing the event of foundation that doubtless is capital, showing also that Jesus is inseparable from Israel, and a second level, directed to the readers of the Gospel, after Easter, revealing the mystery of the Son and his love to the men. In this perspective we may understand the title “Son of God” with two levels of meaning: a messianic one, and a “divine” concerning to Christology of John.

Key words: Fourth Gospel, Christology, Messianism, Composition of the Gospel.

* Prof. Dr. de Teologia da PUCRS.

Introdução

A humanidade de Jesus não foi problema para os primeiros cristãos que viram Jesus viver e morrer. O problema surgiu somente depois, quando se começou a acreditar na sua divindade. Os cristãos não tinham nenhuma razão para questionar sua humanidade, e os judeus nunca a negaram. O problema surge com a fé na divindade de Jesus, na compreensão da sua relação com o “Pai”, e na compreensão da sua pessoa, que era ao mesmo tempo “homem” e “Deus”¹. O Novo Testamento não hesita em descrever Jesus como “homem”, mas chamá-lo de “Deus” pode ser mais difícil e até problemático².

Não há uma compreensão unânime e concorde de Jesus em todas as partes do Novo Testamento. Ele não foi compreendido como *Messias* e *Filho de Deus*, desde o começo. Os primeiros cristãos acreditavam que Deus tivesse adotado Jesus como *Messias* e *Senhor* somente a partir da ressurreição. Muitos não acreditaram que Jesus fosse o *Messias* e *Senhor* antes desse momento³.

A fé cristológica percorreu um caminho de evolução, que partiu da fé num ser humano, para chegar à fé num ser divino. A expressão “Filho de Deus” teve origem no Antigo Testamento, evoluiu no judaísmo e foi enriquecida na Tradição cristã e finalmente foi aplicada a Jesus.

¹ Cf. BROWN, R.E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulinas, 1984, n. 218, p. 115.

² Cf. TAYLOR, V. ‘Does the New Testament Call Jesus God?’. *ExpT* 73 (1961-1962) 116-118.

³ O debate cristológico em torno dessa problemática é apresentado no primeiro capítulo “A Basic Assumption in Modern New Testament Christologies”, do livro de O’NEILL, J.C. *Who Did Jesus Think He Was?* Leiden-New York-Köln 1995, p. 7 – 22.

Os dois níveis do Quarto Evangelho

A vida de Jesus, como tal, é uma história humana acessível a qualquer um, crente ou não. Mas só o crente pode ter dela – *post factum* – uma compreensão espiritual. Os mesmos fatos podem ser vistos segundo a perspectiva dos contemporâneos de Jesus ou à luz da fé pascal⁴. O Evangelho apresenta fundamentalmente material de dois momentos históricos distintos que se complementam mutuamente, caracterizados literariamente pelos textos definidos como “narrativos” e como “diálogos e controvérsias”⁵, que representam o que o evangelista recebeu da “Tradição” e o que ele comunicou como material próprio e característico da sua cristologia⁶.

A história da composição do Quarto Evangelho e a história da comunidade joanina estão estritamente relacionados⁷. O Evangelho apresenta claras evidências de prévias fontes escritas e um longo processo de composição⁸, de modo que sua mensagem e seu simbolismo não podem ser compreendidos fora da história da comunidade e da história da composição do Evangelho.

⁴ LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*, I. São Paulo: Loyola, 1996, p. 21.

⁵ Não podemos separar os textos em dois níveis, *tradicional* e *redacional*, mesmo com uma suposta *fonte dos Sinais* que teria sido a base do Evangelho atual. Mas é possível distinguir. Há claramente no Evangelho uma base tradicional, sobretudo nas narrativas e no relato da Paixão, com indiscutível enraizamento em tradições mais antigas sobre Jesus, cf. o demonstra C.H. DODD, *La Tradición Histórica en el Cuarto Evangelio*. Madrid: Cristiandad, 1978.

⁶ Parece que na hipotética fonte dos *sinais*, anterior ao nascimento da comunidade joanina e a sua expulsão da Sinagoga, nenhum dos diálogos ou dos discursos do Evangelho estivesse originalmente composto na forma precisa como o encontramos agora. Cf. ASHTON, J. *Comprendere il Quarto Vangelo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000. p. 164.

⁷ Cf. MARTYN, J.L. *History and Theology in The Fourth Gospel*. New York: Harper & Row, 1968, p. 90-91.

⁸ Cf. ASHTON, J. *Comprendere il Quarto Vangelo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000, p. 35.

O mesmo se pode dizer do título “Filho de Deus”. É preciso partir do texto final, analisar sua coesão e a coerência e, em seguida, com o auxílio da crítica histórica, determinar o significado do mesmo, dentro do processo de composição. Tudo isso é possível, mesmo que prescindindo de uma análise que separe os níveis como camadas isoladas, mas compreendendo o texto como fruto da fusão de horizontes hermenêuticos que refletem momentos históricos distintos, num texto relativamente homogêneo.

“Filho de Deus” no Quarto Evangelho

O Quarto Evangelho é o que mais trabalha o assunto da filiação divina no Novo Testamento. Muitos aspectos poderiam ser trabalhados dentro desse tema⁹. No primeiro século da era cristã, o título “Filho de Deus” não significava por si mesmo “filiação”, no sentido próprio e natural de *geração e transmissão da natureza paterna*. Era expressão metafórica de uma *relação especial* com Deus, de uma *função* ou de uma *predileção*. Jesus lembra isso aos judeus, quando cita a Escritura onde Deus diz aos homens: “*Eu disse: Vós sois deuses*” (10,34)¹⁰.

Nos evangelhos sinóticos, “o Filho de Deus” é pouco usado. À parte seu possível uso no título do Evangelho de Marcos (Mc 1,1)¹¹, aparecerá somente nos lábios de seres sobrenaturais ao menos, ao longo de toda a primeira metade dos três Evange-

⁹ Qual era o pensamento de Jesus sobre si mesmo? Jesus usou ou não esses títulos? O que significavam historicamente para ele? Em quais estratos da composição do Evangelho os encontramos?

¹⁰ Cf. SI 82,6. Sobre o significado ambíguo do título, cf. PINTO, E. ‘Jesus as the Son of God in the Gospels’, *BTB* 4 (1974) 75-93. O título ganhou um significado “messiânico” somente no *judaísmo pré-cristão* que procurava fundamentar sua fé na promessa de Natã (2Sm 7,14), na esperança de um governador davídico, “filho de Deus”. O título estava preparado para os primeiros cristãos interpretarem Jesus de Nazaré; cf. RULLER, R.H. *The Foundations of New Testament Christology*: London, 1965, p. 32.

¹¹ O título “Filho de Deus” não é referido em todas as testemunhas do texto.

lhos. No Evangelho de Mateus, os discípulos o usam para designar aquele que escolheram seguir, uma vez, depois de o terem visto caminhando sobre as águas e acalmado a tempestade (*Mt* 14,33), e uma vez na confissão de Pedro a quem é dito expressamente que isso não lhe foi revelado pela carne ou pelo sangue, mas *pelo Pai que está nos céus* (cf. *Mt* 16,17). Somente no encarnamento do sumo sacerdote aos pés da cruz se descobre que era um título reivindicado pelo próprio Jesus (*Mt* 26,63). Os que passam diante da cruz zombam daquele que se dizia “Filho de Deus” (27,40). Estas são as únicas vezes que o título é usado nos Sinóticos¹².

O Quarto Evangelho, ao contrário dos sinóticos, usa o título na boca de João Batista (1,34)¹³ e é uma das primeiras palavras dirigidas a Jesus, no Evangelho, por meio da confissão de Natanael (1,49). É fácil imaginar que o Quarto Evangelho seria o resultado de uma mudança de perspectiva ou de ênfase, que colocou já na boca dos primeiros discípulos uma compreensão que, segundo os Sinóticos, eles só receberiam bem mais tarde como fruto da revelação ocorrida na Páscoa.

O Quarto Evangelho relata fatos, mesmo quando põe o título na boca de João Batista ou Natanael, não alterando a ordem dos acontecimentos¹⁴. O título possui, desde o começo do Evan-

¹² Cf. HOWTON, D.J. 'Son of God in The Fourth Gospel', *NTS* 10 (1963) 227-237.

¹³ A figura do precursor nos Sinóticos é chamada de Ἰωάννης ὁ βαπτίζων (cf. *Mt* 1,4; 6,14), enquanto que no Quarto Evangelho ele é sempre apresentado simplesmente com Ἰωάννης. Nós o nomearemos sempre “João Batista”, para não confundir sua figura com aquela do apóstolo João, filho de Zebedeu, que desde o século II foi identificada como autor do Evangelho. Sobre essa problemática da atribuição da autoria a João, identificado como o discípulo amado, cf. KÜMMEL, W.G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982, 292-314.

¹⁴ Há uma crescente aceitação entre os exegetas a respeito da credibilidade e valor do Quarto Evangelho como testemunho histórico, conforme, por exemplo, DODD, C.H. *Historical Tradition in the Fourth Gospel*, Cambridge 1965;

gelho, um significado que vai além daquele histórico compreendido pelo personagem situado no início do cristianismo. Por um lado, o evangelista queria mostrar a compreensão que possuía nas antigas confissões de fé e, por outro lado, mostrar a inadequação do mesmo na boca de João Batista e de Natanael, pois, no final do século I, ele tinha adquirido um significado muito mais profundo. Há, portanto, dois níveis de significado no uso do título: no primeiro nível, próprio do período da vida terrena de Jesus, constatamos que o título foi usado pelos discípulos com um determinado significado; no segundo nível, dos leitores primários do Evangelho, o título recebeu um significado mais profundo, próprio da alta cristologia, característica da redação¹⁵. O caráter teológico do Quarto Evangelho e seu *humus* doutrinal levantaram a pergunta sobre seu *Sitz im Leben*, pois era clara a distância existente entre o “Evangelho” e os “fatos narrados”¹⁶. A proposta de J. L. Martyn ofereceu à compreensão do Evangelho uma grande colaboração nesse sentido: trata-se de uma obra literária que reflete dois níveis: o da vida de Jesus e o da vida da comunidade joanina¹⁷.

BROWN, R.E. ‘The Problem of Historicity in John’, *CBQ* 24 (1962) 1-14, e a bibliografia apresentada neste artigo.

¹⁵ O próprio fato de identificar o Evangelho como obra do “teólogo” atesta o seu caráter doutrinal, o que o diferencia dos sinóticos, como o atesta a exegese dos Santos Padres. É fruto de uma “reflexão” somente possível depois dos acontecimentos narrados; cf. TUÑÍ, J.-O. ‘La Estructura Hermenéutica del Evangelio de Juan: Reflexiones y Planteamiento’, *EE* 63 (1987) 217.

¹⁶ Não é possível situar o Evangelho no marco do cristianismo nascente, como o demonstram a estrutura e estilo diferentes. A explicação dessas diferenças é feita por meio de propostas variadas, diferentes e até divergentes, no que diz respeito à origem, influências e paralelos culturais: judaísmo palestinese, gnosticismo mandeu, judaísmo rabínico, literatura de Qumrã, helenismo platônico e literatura hermética.

¹⁷ Cf. MARTYN, J.L. *History and Theology in The Fourth Gospel*. New York : Harper Row, 1968.

Os dois níveis de referência do Evangelho são dois horizontes sobrepostos no texto do Evangelho e constituem dois tipos de leitura, antes que duas camadas separadas¹⁸. A fusão de horizontes é feita com base na compreensão cristológica, no âmbito do conteúdo expresso, mais do que a partir de um critério cronológico. É uma questão de maturidade teológica muito mais do que uma questão de cronologia. Todos os temas do Evangelho são de algum modo determinados pela cristologia, isto é, dependem de Jesus. É a cristologia que determina o conteúdo dos acontecimentos narrados e não vice-versa. A centralidade de Jesus, nesse sentido, possui características sem paralelos no Novo Testamento. As imagens usadas são globais, tanto as funcionais como as da sua realidade íntima (Filho), não distinguindo etapas ou aspectos. O Evangelho, desde o início, apresenta imagens de plenitude cristológica, pois não há uma apresentação cronológica da vida de Jesus e de sua obra, isto é, não há diferença entre o Jesus terreno e o Jesus glorificado (ou exaltado na cruz). Não é necessário esperar a “cruz” para se alcançar o conhecimento de Jesus como “salvador definitivo”, porque sua salvação aparece desde o começo do Evangelho: o λόγος que “veio” pode oferecer luz e glória desde o momento da sua aparição. É o “Senhor” e “Deus” confessado na comunidade joanina (20,28; cf. 1,1 e 1,18).

Não obstante isso, Jesus é confessado no Evangelho de *forma narrativa* (o Quarto Evangelho não é um *Tratado* de Teologia) e para isso faz apelo a uma das etapas da confissão de fé, correspondente ao Jesus *terreno*. Isso é confirmado pelas várias menções que o narrador faz a respeito dos discípulos que não compreenderam os eventos ou afirmações do seu Mestre¹⁹. So-

¹⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, X. ‘Le Signe du Temple selon Saint Jean’, *RSR* 39 (1951) 155-175.

¹⁹ Exemplos de não-compreensão e sentido ambíguo no Evangelho podem ser vistos nas afirmações: “o vento sopra onde quer”, “Lázaro dorme”, “o Filho

mente depois da ressurreição de Jesus, recordaram e acreditaram na veracidade de suas palavras²⁰. O evangelista não reproduz somente os dados da *Tradição*, pois nesse caso não expressaria o que Jesus era para a comunidade, isto é, o *revelador do Deus invisível* (1,18) e o *status de Filho elevado à direita de Deus* (cf. 8,35; 14,3). Uma vez que Jesus é apresentado como “Senhor”, não pode ser apresentado somente como o *Jesus terreno*. Mas, para falar do “Senhor” exaltado, apela para o Jesus terreno: há uma sobreposição das etapas. O Jesus terreno é um momento inextrincável da cristologia: “Jesus” e o λόγος é o “encarnado” e o “exaltado”.

Estes mesmos níveis de leitura encontram-se também nos sinóticos, como se pode perceber pelo esquema hermenêutico de Marcos, com relação ao “Segredo Messiânico”. Ali também são fundidos os horizontes da história da vida de Jesus e do momento do leitor. A chave de leitura é a “cruz” e a confissão do centurião²¹. Os Sinóticos nunca põem na boca de Jesus o título ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, para evitar uma confusão dos níveis. Por meio do “segredo messiânico”, cuida para não antecipar para a época de Jesus uma profundidade cristológica que só seria atingida depois da Páscoa. O título “Filho de Deus” já é compreendido pelo evangelista, mas não era compreendido pelos contemporâneos de Jesus. Isso exige sobriedade no uso do mesmo: é usado na boca do evangelista (1,1), dos demônios (3,11 e 5,7), do centurião romano (15,39). Jesus aceita o título do sumo sacerdote σὺ εἶ ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ εὐλογητοῦ (Tu és o Cristo, o filho do Deus

do Homem deve ser levantado”, cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*. I. São Paulo: Loyola, 1996, p. 22.

²⁰ Cf. Jo 2,17.22; 12,16; 14,26; 16,4.

²¹ Cf. ALEGRE, X. ‘Marcos o la Corrección de una Ideología Triunfalista. Para una Lectura de un Evangelio Beligerante y Comprometido’. *Revista Latinoamericana de Teología* 2 (1985) 229-263.

bendito? 14,61). Nisso vê-se a preocupação de revelar o significado *progressivamente*.

No Quarto Evangelho, Jesus não falava abertamente ser o “Filho” ou o “Filho de Deus”, uma coisa, porém, era certa: Jesus chamou a Deus de “Pai”, em sentido exclusivo, e os discípulos entenderam que ele era “o Filho”²². O título “Filho de Deus”, ao longo do Evangelho, representa uma opção terminológica do evangelista para apresentar Jesus aos leitores. O conceito vem de uma história, tem um passado, provoca um movimento interpretativo e cria uma Tradição²³.

Conclusão

A mensagem dos Evangelhos possui dois níveis de significado: uma compreensão em nível histórico do Jesus de Nazaré não podia compreender o mistério do Filho de Deus ressuscitado. O título de “Filho de Deus” possui, ao mesmo tempo, um sentido compreensível aos judeus, e um sentido propriamente cristão. Dois tempos de inteligência comandam o texto. Alguns títulos devem ser vistos a partir da distinção dos níveis de leitura, como é o caso deste título cristológico, para respeitar a história e a verdade da revelação. Quando o Batista diz, por exemplo, “Este é o Filho de Deus” (1,34), não é anacrônico, se for lido em sua boca, no sentido veterotestamentário, familiar aos ouvintes, ao mesmo tempo que o evangelista inclui aí, para o leitor, o sentido que a expressão equivalente “Filho Único” tem no prólogo teológico²⁴.

O evangelista restitui ao mesmo tempo a pregação de Jesus de Nazaré e a pregação da Igreja joanina, iluminada então pela fé na divindade de Jesus. Toca, ao mesmo tempo, o nível da

²² Cf. JEREMIAS, J. *Abba. El mensaje central del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999, p. 37-61.

²³ Cf. podemos ver pelo estudo da *Wirkungsgeschichte*.

²⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do Evangelho segundo João*. I. São Paulo: Loyola, 1996, p. 23.

memória das testemunhas oculares e o da contemplação do mistério cristológico dos fiéis. Temos, portanto, fundidos os horizontes do Jesus da história com o do Cristo da fé. Por isso não se pode privilegiar, sem mais, o segundo tempo, o do nível da fé cristã, como se o primeiro tivesse terminado, já que ele continua a produzir seus efeitos na compreensão da salvação.

O título “Filho de Deus”, no Quarto Evangelho, expressa ao mesmo tempo o conceito humano de Messias, próprio da comunidade judaica, e o conceito da divindade, próprio da comunidade do discípulo amado.